

**PODCAST CIÊNCIA SUJA
TEMPORADA 03, EPISÓDIO 1**

++++VHT RÁDIO GUARDA-CHUVA=====

+++THAIS: Oi gente, só pra avisar que este episódio faz parte de uma série de reportagens que estão sendo publicadas pela Chloé Pinheiro, da nossa equipe, em diferentes veículos, e que foram apuradas com apoio do Pulitzer Center. Essa garota é muito chique! E toda a temporada só foi possível graças ao Instituto Serrapilheira, que fomenta a pesquisa e a divulgação científica no país.

(SOBE SOM MÚSICA)

“Meu doutor, você que me acolheu, receba o carinho dessa homenagem.....”

THEO: Quem tá cantando essa música é um cara chamado Antônio Veneu Jordão. Ele é um capitão-de-fragata da reserva da Marinha do Brasil. Ou, como ele foi apresentado várias vezes no evento de onde tiramos esse áudio, “o homem que consegue pousar um helicóptero num navio em movimento”.

THEO: O Veneu também é Assessor Especial da Reitoria da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, e um dos principais articuladores de um grupo de médicos, embora ele não tenha nenhuma formação na área, segundo seu currículo [lattes](#).

(SOBE SOM MÚSICA)

É o nosso herói! Meu doutor...

THEO: Ele está passando essa vergonha aí no 2º Congresso Mundial do World Council for Health Médicos pela Covid-19 – é, o nome é macarrônico, meio redundante mesmo. Esse evento aconteceu em julho de 2022 em Foz do Iguaçu, no Paraná. A canção é do próprio Veneu, em homenagem aos médicos que trabalharam durante a pandemia. Mas não é uma música para qualquer médico. Ele estava homenageando na verdade um grupo do qual ele era bem próximo, e que já em 2020 passou a atacar as vacinas contra a covid, antes mesmo de elas chegarem ao Brasil. E esse grupo não parou mais.

(SOBE SOM MÚSICA)

Você escolheu o bem, enfrentou o mal...

THAIS: Desde a primeira temporada do Ciência Suja a gente está de olho no movimento antivacina no Brasil. Só que a gente não tinha falado até agora de um dos grupos mais importantes nessa história: o MPV, Médicos Pela Vida. Ou Médicos pela Dúvida, como a gente prefere chamar.

THAIS: Com a leniência do Conselho Federal de Medicina, esse grupo cresceu na pandemia, ganhou influência política e chegou a defender o golpe depois das eleições. Até hoje é um dos principais divulgadores de informações falsas sobre as vacinas. E esse é um movimento que não tem nada de inocente ou orgânico.

CLIFE

“Gente, nós temos muitos estudos sobre ivermectina.”

“Fraudemia!”

“Agora vamos então falar sobre ozonioterapia”

“Da arma biológica que fizeram sob a forma falsa de vacina”

“Tem elementos suficientes para dizer que estamos em guerra já”

THAIS: Graças a uma rede bem articulada de desinformação, da qual o MPV faz parte, pessoas em todo o Brasil repetem discursos falsos ou distorcidos sobre a vacinação.

ÁUDIOS DE RELATO

“Eu nunca tive nada, né? Sempre fui um cabra de saúde...Depois da vacina eu infartei”

“E aí no hospital o obstetra de lá falou pra ela não tomar a quarta dose da vacina, para ela não se expor à vacina”

“E aí a enfermeira falou ‘é, realmente, porque a vacina não é 100% segura’. Na hora eu fiquei indignada e falei assim: ‘a senhora é profissional de saúde’. Era uma menina bem jovem inclusive. E aí ela retrucou que acredita em Jesus, que quem cura é Jesus e não a vacina”

“Lá em casa meus pais são idosos e eu sempre tinha que estar falando: ‘mainha, painho, eu trabalho na vacina, isso não procede”

THEO: Essas falas todas não são antigas, não. Foram áudios que nós coletamos entre janeiro e março. E acredite se quiser: tem até parente de membros deste podcast aqui, mais de um inclusive, caindo nesses papinhos.

SONORA PETER HOTEZ

O movimento anticiência mata mais do que as armas de fogo e os acidentes de carro nos Estados Unidos

THEO: Esse é o médico norte-americano Peter Hotez, um dos maiores especialistas em movimento antivacina. A gente vai voltar a falar dele depois, mas o que ele disse agora sintetiza bem o tamanho do problema: tem muita gente morrendo não da vacina, mas por acreditar em mentiras sobre vacinas.

THAIS: E gente que nem pode escolher. O coronavírus matou 850 crianças e adolescentes no nosso país em 2022, quando boa parte desse público já poderia ser vacinada. O Brasil, que já foi referência mundial nesse aspecto, está entre os dez países do mundo com mais crianças sem nenhuma dose das vacinas infantis básicas, ao lado de Congo, do Paquistão, da Índia... Isso segundo a Organização Mundial da Saúde.

THAIS: Neste episódio, a gente vai expor em detalhes a rede de desinformação antivacina. A gente desenterrou venda de passaporte vacinal falso, teorias da conspiração sinistras, muita propaganda da extrema-direita e até conteúdo neonazista.

THEO: A equipe do Ciência Suja também viajou para Recife, onde o MPV registrou seu CNPJ, conversou com especialistas e assistiu a horas e horas de materiais negacionistas para entender porque esses médicos seguem apoiando um discurso tão perigoso. Meu nome é Theo Ruprecht.

THAIS: Eu sou a Thaís Manarini, e essa é a estreia da terceira temporada do Ciência Suja, o podcast que está aqui pra mostrar, de novo, que em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

>>>>>>SOBE SOM TRILHA DE ABERTURA<<<<<<<<

THAIS: Antes de se aprofundar nessa história, a gente quer apresentar o Pedro Nakamura. O Pedro é um jovem jornalista do Rio Grande do Sul que foi entrevistado para o episódio de estreia da segunda temporada, sobre a proxalutamida contra a covid. E que compartilhou com a gente informações importantes para esse episódio aqui. Dá um “oi” aí, Pedro e conta pra gente como o MPV chamou sua atenção:

PEDRO: Oi, eu sou o Pedro Nakamura e eu super recomendo que você escute o episódio do Ciência Suja sobre “as cobaias da proxalutamida”, que trata dessa série de experimentos que violaram todas as normas possíveis e impossíveis de ética em pesquisa. Inclusive foram os médicos responsáveis por esses testes que fizeram eu me interessar pelo Médicos Pela Vida. Na época, lá pelo segundo semestre de 2021, eu investigava essa dupla de médicos, o infectologista Ricardo Zimmermann e o endocrinologista Flávio Cadegiani, e reparei que nas redes sociais eles interagiam muito, seguiam, compartilhavam materiais desse MPV. E como o grupo entrou no meu radar, eu fui acompanhando o quanto ele se projetou a partir da CPI da Pandemia. Eu achava que na atuação deles tinha um tipo de lobby muito bem organizado. E vendo o que eles falavam das vacinas contra a covid e olhando como a desinformação fez mal à imunização, eu achei que para contar a história de como o movimento antivacina fincou os pés no Brasil durante a pandemia seria essencial contar também a história do MPV: quem são, onde vivem e do que se alimentam. Ou melhor, como são financiados.

THAIS: Foi por isso que a gente chamou o Pedro pra participar dessa apuração com a gente.

THEO: O Médicos pela Vida, ou MPV, é uma associação de médicos com cerca de 15 mil membros espalhados pelo Brasil, segundo dados deles próprios. Alguns deles você já ouviu falar aqui: a Maria Emilia Gadelha Serra, o Flávio Cadejani, a Lucy Kerr e a Nise Yamaguchi, que se diz membro benemérita. Só que quase nenhum deles entende de vírus ou de vacina. Um levantamento de 2021 mostrou que, dos 209 profissionais cadastrados na plataforma, só 2 eram infectologistas.

THEO: Mesmo assim, eles começaram a ganhar notoriedade pela defesa do tratamento precoce contra a Covid. E assim, hoje em dia até existem certos medicamentos que podem ajudar em casos iniciais, em certas situações. Mas você sabe do que a gente está falando: quando você ouvir tratamento precoce aqui, entenda como o uso de cloroquina, ivermectina e outros remédios que fracassaram nos testes contra a covid.

THEO: Em 2021, o MPV chegou a comprar espaço publicitário nos principais jornais do país pra publicar um manifesto defendendo o tratamento precoce. [Logo ficou claro que a Vitamedic](#), uma fabricante de ivermectina, tinha bancado a ação por uma bagatela de mais de 700 mil reais. Ela também desenvolveu a plataforma do Médicos Pela Vida na internet.

THAIS: Entre 2020 e 2021, essa mesma empresa aumentou seu faturamento com a venda de ivermectina em 1 200%, e foi responsável por 80% das vendas de ivermectina do país. 80%!

THAIS: Por volta de setembro de 2020, quando estavam para chegar as vacinas, o MPV passou a atacar os imunizantes. Para eles não são vacinas, são experimentos. Ou são a concorrência da ivermectina. Só que é uma concorrência que funciona, né?

THAIS: Mais do que apenas alinhados ao discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro, eles serviram como apoio científico, ou pseudocientífico, para as decisões sobre os protocolos de tratamento do antigo governo. E, depois, tentaram sabotar a chegada dos imunizantes. Conta aí, Pedro:

PEDRO: Vocês se lembram daquela história do gabinete paralelo que ficou famosa na CPI, né? Então, em setembro de 2020 teve uma reunião do MPV com o Bolsonaro, arranjada pelo deputado federal Osmar Terra, em que surgiu a proposta desse gabinete que aconselharia informalmente o Bolsonaro sobre as questões da pandemia. Ela surgiu de uma fala do microbiologista Paolo Zanotto, que sugeriu a criação de um “shadow cabinet” para auxiliar o governo federal. Um shadow cabinet seria uma espécie de gabinete oculto. Um tipo de comitê secreto que tomaria decisões sem debates públicos ou que a população soubesse.

SONORA PAOLO ZANOTTO

“Talvez fosse importante se montar um grupo, a gente poderia ajudar a... eu não vou fazer parte desse grupo porque eu não sou especialista em vacina, mas eu gostaria de ajudar o executivo a montar um shadow board, como se fosse um shadow cabinet, esses indivíduos não precisam ser expostos a, digamos assim, a popularidade”

PEDRO: Mas tem aí um plot-twist: diferente do que a gente pensa, o objetivo não era assessorar o governo na prescrição de tratamento precoce. O objetivo era criar um comitê financiado pelo Ministério da Saúde para analisar e aprovar vacinas contra a covid. Isso não sou eu que estou dizendo: está num ofício que o MPV entregou ao Bolsonaro no dia daquela reunião. E é no contexto desse pleito que o Zanotto está falando na criação desse ‘shadow cabinet’.

THEO: O MPV foi recebido no Ministério da Saúde, elaborou ofícios, participou de audiências públicas para discutir a vacinação infantil e esteve em várias câmaras municipais e assembleias estaduais do Brasil, quase sempre convidado por parlamentares bolsonaristas.

THEO: Mas a história deles começou no Recife, capital de Pernambuco, bem antes de terem influência no governo federal ou de existir coronavírus. É lá que o CNPJ da Associação Médicos Pela Vida está registrado. Em fevereiro de 2023, o Felipe Barbosa, nosso editor-produtor-faz-tudo aqui do Ciência Suja, e o Pedro Nakamura viajaram para lá para tentar entender como uma associação de médicos local virou uma das protagonistas nacionais do movimento antivacina.

FELIPE: Felipe aqui, gente. Bom, nosso plano era tentar descobrir mais detalhes sobre o surgimento deles e ir até a sede do MPV para falar com o fundador, um oftalmologista chamado Antônio Jordão. Não confunda com o Antônio Veneu Jordão, aquele militar da reserva que mencionamos no começo do episódio. A gente vai chegar nele ainda, mas é importante pontuar que tem dois personagens com quase o mesmo nome. O Antonio Jordão a gente vai chamar de Jordão, e o militar da reserva vai ser só Veneu.

FELIPE: O Jordão oftalmologista é um cara envolvido na política da categoria médica. Em 2007, ele foi líder de uma greve histórica dos médicos da rede pública em Pernambuco. Só que como muita gente ficou sem atendimento por causa dessa paralisação, a própria classe médica se dividiu sobre a estratégia do Jordão. E isso atrapalhou os planos eleitorais dele no Conselho Regional de Medicina e no Sindicato dos Médicos do Estado.

FELIPE: Até 2019, foram algumas tentativas de eleição com a chapa Dignidade Médica, o nome antigo do Médicos Pela Vida. Mas desde aquela greve lá eles estavam meio no ostracismo, e não tinham sucesso nos processos eleitorais. Então a pandemia serviu como uma oportunidade de ganhar relevância.

SONORA TIAGO FEITOSA

Um pouco depois a gente percebe o início da movimentação desse outro grupo, que

vinha no sentido contrário. Vinha no sentido de orientar a categoria médica para um determinado tratamento, né? É o tratamento com a hidroxicloroquina e com ivermectina, principalmente no início. Depois eles introduzem a azitromicina, vitamina D, Vitamina C, essas outras coisas que eles vão agregando em um kit que eles chamavam de tratamento precoce.

FELIPE: Essa voz é do médico sanitário Tiago Feitosa, doutor em saúde pública e professor pesquisador no Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco. A nossa primeira parada em Recife foi para conversar com ele, porque o Tiago foi testemunha desses dois momentos da atuação da turma do Antônio Jordão.

FELIPE: Na pandemia, o Tiago participou de outro grupo: a Rede Solidária em Defesa da Vida, que reunia profissionais e pesquisadores pernambucanos de diferentes áreas para ajudar a encontrar soluções de verdade para os problemas que surgiriam com a chegada da Covid no estado.

SONORA TIAGO FEITOSA

Quando o Mandetta sai que aí entra o grupo no Ministério da Saúde, que impulsiona essas iniciativas com a cloroquina. E aí eles passam a ter também algum eco governamental, de suporte governamental. Isso aconteceu muito a nível de um certo submundo de relações e de serviços e prescrições que muitas vezes não estavam à luz da observação da sociedade. Você não tem nenhum respaldo de nenhuma entidade científica. Houve uma abertura de uma investigação por parte do Cremepe em relação a esse grupo. Até hoje a gente não sabe o resultado. Que que aconteceu com essa investigação

FELIPE: Uma outra fonte ouvida pela Chloé falou que eles chegaram a distribuir o “kit Covid” em comunidades carentes de Recife. E aí, quando a vacina chegou, tinha gente que não queria se vacinar porque já estava, entre aspas, “protegido”. A gente procurou o Cremepe para saber mais sobre essa denúncia, mas eles disseram que o processo corria em sigilo.

FELIPE: O Ministério Público de Pernambuco recebeu duas denúncias sobre o assunto, mas não levou o caso adiante usando como justificativa o parecer 4 de 2020 do Conselho Federal de Medicina, que liberou o uso de qualquer remédio contra a covid-19 com aquele papinho de “autonomia médica”.

FELIPE: No dia seguinte da entrevista com o Tiago, a gente foi até o endereço que constava no CNPJ do Médicos pela Vida. É uma casa espaçosa em Boa Viagem, um bairro de classe média alta bem conhecido do Recife. E ali fica a clínica de uma pediatra famosa na cidade, a Vera Lopes. A Vera foi vereadora por dois mandatos na capital e tentou se eleger como deputada federal na eleição passada. Curiosamente,

quando ocupou uma cadeira na câmara municipal, uma das lutas da médica foi por mais vacinas na rede pública.

FELIPE: Pela internet, a gente descobriu que toda quarta-feira eles fazem atendimento gratuito para quem precisa. Então escolhemos ir nesse dia, para garantir que a clínica estaria aberta.

(SOBE SOM AMBIENTE)

Felipe: “A gente chegou aqui na frente do endereço que é o Médicos pela Vida e...”

FELIPE: Chegando lá, a gente viu um muro branquinho em que estava escrito “doutora Vera Lopes” em letras azuis enormes. O espaço era dela. Do Médicos Pela Vida, nem sinal. Nenhuma placa ou referência indicando que ali era a sede do grupo.

(SOBE SOM AMBIENTE)

Pedro: “É, a sede do Médicos pela Vida não é um escritório, não é uma sede administrativa nem nada do tipo. É uma clínica”

FELIPE: Ao tocar a campainha, decepção: não tinha ninguém.

(SOBE SOM AMBIENTE)

Felipe: “Acho que tá fechado, já teria atendido”

FELIPE: Aí a gente resolveu ir até o posto de saúde onde o Jordão trabalha, no bairro do Pina. Chegando lá, deu pra ver que era uma unidade bem simples. Perguntamos por ele na porta, uma funcionária foi lá dentro anunciar que estávamos querendo falar com ele e, um pouco pra nossa surpresa, o Jordão topou nos receber. Nessa primeira conversa a gente se apresentou e ele foi bastante receptivo. E aí nós marcamos um novo papo, pra sexta-feira, dessa vez gravado.

FELIPE: De tarde, a gente voltou na clínica da Vera Lopes e, desta vez, o portão estava aberto, então a gente foi entrando. Lá dentro, tinha um monte de cadeiras na sala de espera, uma TV sintonizada numa novela bíblica da Record e uma secretária simpática atrás de uma mesa falando com os pacientes. A secretária disse que ali não tinha sede nenhuma do MPV. A gente estranhou, mas foi ficando. Pedro, conta como foi essa interação com os pacientes e com a secretária lá.

PEDRO: Dava para notar que era um pessoal bem simples porque era a quarta-feira do atendimento gratuito. Então tinha gente de cidade do interior de Pernambuco, pais de crianças pequenas, pacientes renovando receitas. E aí papo vem, papo vai, chegamos no assunto “vacinas”. Nessa mesma hora, a secretária pegou o celular e me mostrou um vídeo com imagens de pessoas desmaiando subitamente. Na legenda desse vídeo estava escrito “Quem precisa de quarta dose?”. Aí na mesma hora eu perguntei pra ela se ela tinha se imunizado contra a covid e ela respondeu que sim, com três doses. E aí o assunto da sala de espera virou quem tinha tomado vacina, quem não tinha, se sentiu algum efeito adverso depois de tomar... E o mais irônico foi

descobrir que ali na sala de espera do MPV, que desde 2020 fazia lobby contra a vacinação, tava todo mundo imunizado, vivo e sem sequelas.

FELIPE: Algum tempo depois, chegou a doutora Vera. Antes de começar a atender os pacientes, ela nos chamou na sala dela pra entender o que a gente tava fazendo ali - como não foi uma entrevista formal, você não vai ouvir a voz dela. Ela também confirmou que a sede do MPV era lá mesmo, mas funcionava no andar de cima, em uma parte que a gente não teve acesso. E o motivo da sede ser lá era porque ela tinha o espaço livre e aí cedeu pro colega. O Jordão, no caso.

FELIPE: Aí uma hora a Dra Vera decidiu ligar pro Jordão pra avisar que estávamos lá. Minutos depois, chegou o fundador do Médicos Pela Vida. O Jordão topou antecipar a conversa com a gente, mas só depois dos atendimentos. Aí foi um chá de cadeira. Já estava começando a escurecer lá fora quando o Jordão chamou a gente pra sala dele.

FELIPE: O Jordão confirmou o que a gente já sabia sobre a história do MPV e sustentou a ideia de que é apenas uma pequena parte de um grande movimento de médicos, uma ação espontânea e motivada por um propósito maior. Sem ligações com políticos ou ideologias.

SONORA ANTÔNIO JORDÃO

Essas coisas menores você põe de lado. E no caso do nosso movimento é isso, é um movimento legítimo de médicos, sem qualquer tipo de preconceito, sem vinculação ideológica partidária ou quaisquer outros interesses mesquinhos. Estamos acima disso.

FELIPE: Passando boa parte do dia ali no consultório de uma médica que cedia espaço pro Jordão e que tinha um puxadinho semi abandonado como sede do MPV, deu a impressão de um movimento meio largado. E para mim e para o Pedro, isso entrava muito em conflito com o congresso até grande que eles organizaram em julho de 2022, que tinha aquela cantoria toda que a gente trouxe no começo do episódio. Então vamos entrar nesse congresso pra você entender esses dois mundos diferentes.

(EFEITO FITA VOLTANDO)

SONORA ISAURA FERRARI

O que me parece.... eu participei do segundo Congresso Mundial de Médicos Pela Vida em Foz do Iguaçu. Foram cinco dias de Congresso. Intenso, né? Manhã e tarde de palestras veio gente absolutamente do mundo inteiro, tá?

THAIS: Quem está falando aí é a Isaura Ferrari. A Isaura é uma socióloga da Universidade Federal de Santa Catarina que estuda a inserção de terapias alternativas no SUS, e já estava atenta ao Médicos Pela Vida. Eles foram o tema do mestrado dela.

SONORA ISAURA FERRARI

A gente sabe que eles têm uma rede muito bem consolidada de médicos e outros profissionais no mundo que compõem esse grupo mais amplo, mais estendido de compartilhamento aí de algumas crenças dentro da medicina.

THAIS: A Isaura analisou as postagens de um grupo antivacina no Facebook com 15 mil membros lá para 2020. E logo o termo “Médicos Pela Vida” emergiu.

SONORA ISAURA FERRARI

Fui percebendo a importância, a relevância discursiva que aparecia ali desses profissionais médicos que algumas vezes apareciam nomeados como Médicos pela Vida ali, destes profissionais médicos que algumas vezes apareciam nomeados como Médicos pela Vida, mas isso foi mais no período que se aproximou a pandemia, né?

THEO: Aí a Isaura começou a perceber que havia toda uma rede de profissionais com práticas anticientíficas que se referenciavam através das mídias sociais e canais de Youtube, e aí ela publicou um artigo que mapeia o perfil desse pessoal todo. Foi por causa disso que ela viu que ia ter o encontro do MPV em Foz do Iguaçu. Como o plano era continuar estudando eles: por que não ir ver de perto quem eram aquelas pessoas?

SONORA ISAURA FERRARI

Uma primeira palestra: sobe um médico lá e fala: ‘Corona nem é um vírus! Porque vírus não sei o que, não sei o quê. A covid nem é causada por vírus, porque se você for ver, papapapa’. E aí ele faz toda uma exposição, vários slides que parecem ciência e etc. OK, aí todo mundo bate palma. Desce o cara, sobe um próximo cara. Apresentações de 15 minutos, tá? Coisa rápida.

THAIS: Esse evento de Foz do Iguaçu teve cobertura da TV Canção Nova, que pertence a uma comunidade católica, e as palestras foram transmitidas pela rede social Gettr, com direito a tradução simultânea para outras línguas. E tinha também o apoio de um centro cultural religioso local.

THAIS: O site deste centro cultural vende, inclusive, o livro de um dos médicos mais destacados e ativos do MPV, o Eduardo Leite, que é um antivacina fã do Bolsonaro e que se candidatou a vereador em Feira de Santana em 2020, mas não foi eleito.

SONORA ISAURA FERRARI

Então a igreja estava lá. Tinha padre, tinha representantes do Centro Cultural da igreja.

THAIS: A Isaura até chamou atenção pra variedade de profissionais de diferentes áreas no evento.

SONORA ISAURA FERRARI

Muito advogados. Vários, vários vários jornalistas ali presentes. Então temos aí: jurídico, jornalístico, religioso e financeiro. De diversas, diversas empresas ali. Das quais eu observei, era mais relevantes estas de produtos de terapias e tal, né, que eu comentei com vocês.

THAIS: E tinham muitas outras empresas no banner no fundo do palco. Algumas bem estranhas, como a plataforma de telemedicina Doctor8, que chegou a participar da distribuição gratuita de receitas do kit Covid. Tinha também a empresa de “saúde quântica” FisioQuant e a bioFao, que é focada em homeopatia e promove “a cura pelo biocampo”.

THEO: E vale dizer que, na sua pesquisa, a Isaura descobriu que, entre médicos que estavam listados no site do MPV, tinha muitos homeopatas e acupunturistas. A proporção de homeopatas era 8 vezes maior do que o esperado para os médicos especializados em geral no Brasil.

THAIS: E tinham outras não ligadas à saúde diretamente. A gente destaca a rede de lojas Havan. Teve até recado do dono, Luciano Hang, no telão do evento.

SONORA LUCIANO HANG

“No segundo congresso mundial de Médicos pela Vida. (...)”

“Com isso também somos patrocinadores desse evento. Quero também parabenizar, quero também dizer para todos vocês: continuem fazendo o trabalho que vocês estão fazendo. Pela liberdade do médico e principalmente por vocês lutarem pela saúde do povo brasileiro e do povo de todo o mundo. Obrigado, um abraço, do Luciano da Havan. Obrigado!”

THEO: O Hang aparece sempre muito junto com o MPV. E por que? Bom, é aí que a gente volta na figura do Antônio Veneu Jordão, o VENEU, aquele capitão-de-fragata do começo do episódio.

SONORA APRESENTADOR DO CONGRESSO

Passamos a bola para o comandante Veneu? Comandante Veneu, o homem que pilota avião em mar revolto com o navio andando.

THEO: O Veneu foi essa ponte entre o empresariado e o MPV. Não sei se você lembra, mas principalmente enquanto as vacinas estavam em desenvolvimento, houve uma pressão de empresários brasileiros para liberar completamente as atividades comerciais no país. Para esse pessoal, caiu como uma luva usar o argumento de que já existiriam remédios capazes de proteger da covid e que então não tinha pra que a população ficar em casa. Era um apoio financeiro que fazia sentido.

THAIS: O Veneu é um cara bem relacionado em Brasília. Em 2018, foi o coordenador da campanha do Bolsonaro na região do Triângulo Mineiro. Em 2019, ele foi nomeado assessor especial da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, função que acumulava enquanto articulava a relação entre empresários e o Médicos Pela Vida.

THAIS: O Veneu também é sócio de uma locadora de carros em Brasília que viu seu faturamento crescer mais de dez vezes na gestão Bolsonaro. Seus principais clientes eram deputados bolsonaristas. O papel de articulador político do Veneu está documentado e foi confirmado pelo próprio Jordão em nossa conversa no Recife.

SONORA ANTÔNIO JORDÃO

Entra o Veneu, que tinha muita habilidade porque já tinha participado ainda dentro das Forças Armadas em missões internacionais na África, Haiti, e tal... Tanto é que quando ele saiu, foi pra área privada dando consultoria e fazendo gestão de crises. E ele começou a coordenar esse grupo de empresários. Conversar com uns, com outros. E o pessoal chamava, toda semana tinha reuniões onde ele fazia uma apresentação dos números da covid no mundo.

THAIS: A gente tentou entrar em contato com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro e com o Veneu para entender o que ele fazia lá, mas não recebemos retorno.

(EFEITO FITA CORRENDO PARA FRENTE)

THEO: E aí a gente volta pro presente e praquela dúvida: como uma associação que na metade de 2022 organizou um congresso internacional aparece com a sede praticamente desativada no ano seguinte? Tem dois motivos pra isso, para ser bem simplista. O primeiro é que, graças às vacinas, a vida está retomando o ritmo normal. Então não tem mais porque empresário grande bancar publicação de manifesto ou patrocinar congresso para estimular o povo a sair de casa. Já está todo mundo na rua. Na conversa com o Felipe e o Pedro Nakamura, o Jordão disse que, hoje, as atividades formais do MPV sobrevivem a partir das doações dos próprios médicos.

SONORA ANTÔNIO JORDÃO

Pedro: Vocês conseguem manter essa estrutura com algum tipo.. São vocês mesmos que bancam também?

Jordão: As doações dos médicos. Aí todo mundo dá mensalmente: um dá 50, outro dá 100, dá 200, dá 300. Sobrou um tiquinho das inscrições do congresso, aí já dá suporte.

THAIS: Mas teve um outro momento da conversa entre eles que deixa bem claro qual o segundo motivo de a sede do MPV estar caidinha.

SONORA ANTÔNIO JORDÃO

Então isso aí a gente vai tocando, porque o resto é produção intelectual. MPV é produção intelectual, não é material.

THAÍS: Eu vou repetir: “O Médicos Pela Vida é produção intelectual”. Ou seja, é muito conteúdo nas redes, trocas em aplicativos de mensagens, organização de movimentos online. A sede física pode estar largada porque a sede de verdade do MPV é o mundo virtual. Na verdade, ela pode sempre ter sido o mundo virtual. E lá, meu amigo, o alcance deles é gigantesco, na casa de centenas de milhões de visualizações. É sobre essa atuação deles no mundo virtual que a gente vai falar depois do intervalo.

===== INTERVALO=====

THAIS: Esse intervalo é para lembrar que o Ciência Suja agora tem um programa de financiamento coletivo. Está gostando do episódio e do nosso trabalho? Então considere assinar na plataforma Orelo um dos nossos 4 planos, que vão de 10 a 50 reais, e que trazem benefícios exclusivos.

THAIS: Para conhecer as opções, acesse o nosso site, www.cienciasuja.com.br ou orelo.cc/cienciasuja. E fica um agradecimento especial aos nossos apoiadores que assinaram o plano paladinos da ciência: André Biernath, Maria Lucia Barbosa, Mariana Ferreira, Patricia Maria, Gustavo Mataruna, Cibele Randi Barbosa, José Gallucci Neto, Deolindo Crivelaro, Maurício Terra, Rômulo Neves e Valéria Correia de Almeida. No nosso mural da Orelo exclusivo para apoiadores, vamos criar um tópico para discutir este episódio.

THEO: O Ciência Suja também faz parte da Rádio Guarda-Chuva, uma confraria de podcasts jornalísticos com excelentes trabalhos feitos por colegas nossos. E hoje a gente queria falar de um dos mais novos parceiros da Rádio Guarda Chuva, o Sessão Cine Garimpo. Semanalmente, às sextas, a Suzana Vidigal fala de cinema, filmes e séries com um jeito todo especial. A Suzana é craque no assunto, vale bem a pena escutar. Dito isso, de volta ao nosso episódio.

===== FIM DO INTERVALO=====

THAÍS: O Jordão de fato não parece ter enriquecido com o MPV, nem se tornado mais relevante. Mas, como ele mesmo disse, ele é só uma pequena parte de um grupo enorme de médicos que, digamos, contrariam o senso comum. E assim: é tanta, mas tanta gente ganhando uma boquinha que foi até difícil fazer a seleção do que trazer aqui pra vocês. Tem até gente fichada na polícia. A gente escolheu alguns nomes desse multiverso, meio aleatoriamente, só para dar uma ideia pra vocês do tamanho do mercado.

THAÍS: A Lucy Kerr, por exemplo, que é ultrassonografista, tem milhões de visualizações no Youtube e se tornou uma referência para falar de ivermectina contra a covid. No Telegram, ela vende curso sobre esse remédio, com um desconto de 50% pros membros do MPV.

THEO: Outro médico que é usado como fonte de informação pelo canal do MPV é o Victor Sorrentino.

SONORA SORRENTINO (Instagram)

Nós temos que começar a traçar correlações. A pessoa tinha um status antes de saúde, piorou a saúde, e a única coisa no meio dessa piora de saúde ou uma piora de fertilidade foi ter uma doença ou fazer a inoculação, nós temos que levantar essa hipótese.

THEO: Esta aí o figura em um vídeo dele no Instagram, associando a vacina à infertilidade. Esse vídeo foi visto mais de 610 mil vezes, e tem milhares de comentários. O Sorrentino tem mais de um milhão de seguidores no Instagram e protagonizou um vexame internacional. Ele foi detido em junho de 2021 no Egito ao importunar sexualmente uma vendedora em uma loja, e que depois ele voltou para filmar um pedido de desculpas.

THEO: Esse cara está abrindo curso pago de medicina integrativa para 2024, porque a turma de 2023 já esgotou. Ele também vende assinaturas para um clube de vida saudável online, por 39 reais ao mês, e cobra 5 mil reais na consulta. Ah, e em 2022 o tempo de espera para o agendamento dessas consultas era de um ano!

THAÍS: Segundo a CPI da Pandemia, a Vitamedic pagou diretamente alguns médicos do MPV como consultores, entre eles o Flávio Cadegiani, que já tinha um cargo em outra empresa, a que organizou os testes irregulares com a proxalutamida no Brasil. Ele também é fã de ivermectina.

THAÍS: Esses são só alguns poucos exemplos de como essa turma lucra com a desinformação que eles promovem. E fora o dinheiro, tem a questão da relevância.

THAÍS: O lance é que, ao nadar contra a maré, esse pessoal, que em geral não tinha muito destaque, acha um novo filão para explorar. As mentiras sobre as vacinas que eram ditas no congresso do MPV são chocantes, mas não são nenhuma novidade para quem acompanha esse assunto no Brasil. Na verdade, às vezes a gente se sente até num multiverso da loucura quando escuta esses caras repetindo as mesmas coisas.

CLIQUE

“Uma pandemia de pessoas com imunodeficiência causada pela pós-covid ou pela pós-vacina.”

“Fundada pela indústria farmacêutica, onde se encontram fundações também como Bill e Melinda Gates.”

“Eu chamo todos os indivíduos que forçaram a fazer essa vacina sem ter conhecimento adequado de genocidas. E não o nosso presidente.”

“Repito: sociedade brasileira de infectologia, FDA, CDC, Anvisa. São entidades ligadas à indústria farmacêutica.”

THAÍS: E Só pra mostrar o toque de Ciência Suja dessa história, eu vou trazer um exemplo claro de distorção da realidade, que é a história das mortes súbitas associadas às vacinas da covid. Tem muito vídeo ligando qualquer desmaio ou caso de morte por parada cardíaca à vacina. O pessoal do MPV fala isso, o pessoal com medo da vacina acredita e repete isso. Virou uma “verdade” nesse multiverso.

THEO: Inclusive tem um “documentário”, entre aspas, chamado Died Suddenly, em tradução livre é algo como “morreu repentinamente”, que associa a vacina da Covid a supostos coágulos no sangue e a um aumento de mortes súbitas. Ele está meio

escondido em algumas redes sociais, mas chegou a ter 15 milhões de views só em um link. Isso nesse “mundo paralelo” que muita gente nem sabe que existe.

THEO: E tem vários pontos aí. Primeiro, não dá para saber o que de fato aconteceu com as pessoas nos vídeos ou se eles sequer são recentes. Segundo, nem tudo o que acontece depois da vacina acontece por causa da vacina. Na verdade, é muito raro que elas provoquem reações adversas graves.

THEO: Só que quando uma população gigante é vacinada ao mesmo tempo, esses milhões de pessoas seguem se machucando, desmaiando, adoecendo, fazendo besteira, se expondo a riscos... Enfim, eles continuam vivendo e continuam morrendo, infelizmente. O infectologista Alexandre Naime, da Universidade Federal de São Paulo, explica como os antivacina usam esses acontecimentos como munição.

SONORA ALEXANDRE NAIME

E aí como é que funciona a fake news, que eu já falei? Você pega esses dados que são verdadeiros e coloca no outro contexto. Um contexto de morte súbita. Morte súbita de jovem sempre aconteceu. Que tinha alguma arritmia não diagnosticada e que acaba evoluindo para morte súbita. Morte súbita é uma entidade que acontece em jovem. Mas quando você tem um contingente muito grande de pessoas vacinadas, alguns médicos inescrupulosos começam a atribuir isso à vacina.

THEO: E não é que as vacinas não possam despertar reações adversas.

SONORA ALEXANDRE NAIME:

Nós temos alguns eventos adversos graves relacionados à vacina, sim. Então existem algumas pessoas: a plataforma de vacina de de adenovírus, que podem ter manifestações vasculares, fazerem tromboembolismo. Isso pode se transformar em questões relacionadas a AVC ou a manifestações do miocárdio, infarto. Em relação às vacinas de RNA mensageiro, existe a possibilidade do miocardite, uma inflamação no músculo cardíaco, especialmente em pessoas mais jovens. Na imensa maioria das vezes é leve, sem repercussão nenhuma. E quando você tem a miocardite um pouco mais grave, ela é tratável.

THEO: Ou seja, esse pessoal transforma a exceção em regra para inverter o discurso: a vacina é mais perigosa que o vírus. E aí inverte com toda uma cara de ciência essa lógica. Eles trazem documentários, depoimentos de supostos especialistas, artigos publicados em periódicos e por aí vai.

THAÍS: Mas tem outros elementos para além dessa maquiagem de dados que fazem uma mensagem negacionista colar. A sensação de perigo é um deles, como explica a Adriana Ilha, professora da Universidade Federal do Espírito Santo que coordenava o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura da universidade e agora está no Ministério da Saúde.

SONORA ADRIANA ILHA

Então se você for olhar os prints, por exemplo, principalmente dos grupos e tal, sempre são impactantes. Sem comprovação nenhuma ali de que realmente aquelas pessoas possam ter vindo a óbito em decorrência da vacina ou de uma reação adversa da vacina. Mas só o fato delas terem vindo a óbito por algum motivo após tomar vacina, eles já colocam esses processos como se fosse decorrentes e ocasionados pela vacina. Então eu falo que é uma política do terror.

THAIS: E esse perigo nem sempre vem com argumentos sobre saúde. Agora a gente vai ouvir o cientista de dados João Guilherme, pesquisador no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital.

SONORA JOÃO GUILHERME

O risco é necessariamente contextual. O público religioso é a mesma coisa: a pessoa não necessariamente está com medo de que o chip da besta entre nela, mas se vacinar, para aquele grupo, representa muitas vezes perder uma rede de apoio que está enraizada na religião de um jeito que não aconteceria em grupos mais elitizados, que tem uma rede de apoio que segue N outros motivos. Então se a religião é a maior rede de apoio de alguns grupos, é óbvio que a religião vai ter um impacto ali. Não adianta você falar que o pastor está mentindo. É muito mais complexo do que algo só baseado na credibilidade da informação.

THEO: E aqui entra outro fator crucial para uma mentira sobre vacinas pegar: a repetição. E atualmente é muito mais fácil bombardear alguém com a mesma mensagem, sem parar.

SONORA ADRIANA ILHA

Eles entendem muito bem sobre o algoritmo da rede para que as suas ideias sejam disseminadas em grupos, em chats, em qualquer lugar. Então eles entendem como que é o movimento que eles têm que fazer para ter maior alcance e impacto.

THEO: A gente costuma falar de um jeito genérico sobre desinformação nas redes sociais. Mas a mensagem que chega no zap da sua tia é só a parte visível de um submundo complexo, cheio de plataformas de vídeo e aplicativos de mensagem com pouca ou nenhuma moderação e atores com os interesses mais diversos possíveis. Agora você vai ouvir o Athus Cavalini, que trabalhou com a Adriana Ilha e roda análises semanais sobre essa rede de desinformação online.

SONORA ATHUS CAVALINI

Mas o movimento antivacina em si, a gente identifica que eles estão em cima de quatro grandes pilares: a gente tem um grupo que são os cientificamente incorretos, né? Aqueles que negam a ciência de fato, os negacionistas, eles acreditam que as vacinas têm efeitos colaterais gravíssimos, que não tem evidências científicas. A gente tem os conspiracionistas. Os conspiracionistas acreditam em teorias conspiratórias envolvendo as vacinas; o discurso geralmente relacionado a Nova Ordem Mundial, uma teoria de que um grupo de pessoas muito poderosas dominam o mundo e estão trabalhando

pelo controle populacional, e aí as vacinas são parte disso. A gente tem a galera anti establishment, ou anti tradicionais, que só se opõe às vacinas por motivos puramente ideológicos ou religiosos, né?

THEO: E tem um quarto pilar, que é o de pessoas genuinamente preocupadas com o problema.

SONORA ATHUS CAVALINI

Dentro do conceito de desinformação a gente tem essa sobra. A desinformação vai afetando algumas pessoas que, mesmo que não estejam tão integradas no movimento, elas acabam ouvindo aquilo com muita frequência e aquilo se torna uma preocupação. Então a gente também tem o pilar dessas pessoas que não necessariamente estão imersas nessas teorias da conspiração ou imersas num negacionismo gravíssimo.

THAIS: O grupo do Athus, o Labic, monitora Instagram, Facebook, Twitter, Youtube e Telegram. Ele percebe uma variação constante entre quem é o ator mais influente em determinado período e em quais redes. Mas adivinha só quem sempre se destaca? Pois é, o Médicos Pela Vida.

THAÍS: O João Guilherme que também se debruçou sobre esse ambiente insalubre, fala que ter uma estrutura capilarizada como a do MPV é chave para a desinformação prosperar.

SONORA JOÃO GUILHERME

Você ter grupos com essa estrutura capilarizada como Médicos Pela Vida. Você tem a página produzindo conteúdo, você tem grupos em cada estado repercutindo aquele conteúdo e você tem grupos de mobilização de rua que vão tomar ações políticas com base naquele conteúdo. Essa estrutura é muito propensa a viralização de modo orquestrado.

THAÍS: É aquilo: se você recebe uma mensagem no WhatsApp que confirma o que ouviu de um médico no Youtube, que por sua vez diz o mesmo que uma live no Instagram, que usa como referência uma manchete distorcida em um jornal grande... Como pode ser mentira?

THEO: Depois de toda a polêmica sobre a influência das redes sociais nas eleições, os atores maiores, o Instagram, Youtube, Facebook e o próprio WhatsApp passaram a vigiar melhor a desinformação. Mas os antivacina sempre dão um jeito de burlar a fiscalização. A Dayane Machado, uma pesquisadora da Unicamp, publicou um estudo mostrando que os canais do Youtube mudam letras ou usam números e emojis para escapar da moderação e continuar monetizando os vídeos.

THAIS: E tem ainda as novas plataformas de vídeo, muito menos reguladas. Entre essas tem o tal do BitChute, onde o Felipe aqui do Ciência Suja encontrou a íntegra do

congresso do MPV. Tem o Gettr, que é uma plataforma criada nos Estados Unidos, que exalta a “liberdade de expressão”. Ou melhor, a liberdade de postar fake news mesmo.

THAIS: A gente volta nessas plataformas de vídeo já, já. Mas antes é importante falar um pouco do Telegram, que é o aplicativo de mensagens alternativo ao WhatsApp e com muitas funcionalidades que facilitam a disseminação de desinformação. Ele está em dois de cada três celulares no Brasil, segundo uma pesquisa do site Mobile Time.

THAIS: Sob o pretexto de proteger a privacidade, é fácil criar contas falsas no Telegram, inclusive com números internacionais descartáveis. E lá você tem uma rede bem estruturada antivacina. Em menos de um mês, a Chloé Pinheiro, a produtora aqui do Ciência Suja responsável por essa parceria nossa com o Pulitzer Center, levantou mais de 50 canais e grupos com essa pegada. O Labic, onde o Athus trabalha, viu muito mais do que isso.

THAÍS: O software deles encontrou 248 canais relevantes que veiculam conteúdo antivacina. E eles já interagiram com outros mais de 6 mil canais menores.

SONORA ATHUS CAVALINI

Tem aquela Abravac, né, Associação Brasileira das Vítimas de Vacina, alguma coisa nesse sentido.

THEO: Pois é, o Athus tá falando da Associação Brasileira de Vítimas de Vacina, a Abravac, que foi o tema do nosso episódio “Os Antivacina contra-atacam” da segunda temporada. Se você não ouviu, vai lá depois. Mas a Abravac, adivinha...

SONORA ATHUS CAVALINI

Sim, eles também estão sempre ali no entorno do Médicos Pela Vida

THEO: Esses grupos vão se adaptando ao ambiente: mudam de nome, abrem outro canal, usam códigos...A própria Abravac mudou o nome do seu grupo para Héstia Guardiã, e passou a oferecer reiki à distância e a focar em mensagens religiosas e conspiratórias. O canal intitulado Médicos Pela Vida trocou há alguns meses seu nome para SOS Forças Armadas, depois virou Geopolítica e Atualidades, e aí, quando a tentativa de golpe deu errado, acabou bloqueado pelo TSE.

THAÍS: E uma coisa importante a ser dita aqui: Por conta das configurações do Telegram, não dá para verificar quem é o dono verdadeiro dos grupos e canais. No caso do Médicos Pela Vida, a gente e os grupos de estudos como o Labic consideram o canal Geopolítica e Atualidades como parte do ecossistema virtual ligado ao MPV, porque a arroba (o endereço) é @medicospelavida e boa parte do conteúdo contrário às vacinas que circulou lá era produzido pelo MPV.

THAIS: Além desse, existe mais um canal, com a arroba MPVC19oficial, e o Super Grupo MPV, com a arroba medicospelaliberdade, que faz referência ao canal maior Médicos Pela Vida na descrição do grupo.

THAIS: Para comprovar que eles são propriedade do MPV, seria necessário uma investigação policial ou uma ação na Justiça. Mas mesmo se não forem, esses canais e grupos levam o nome deles, repercutem o material do site deles e atraem muita audiência no Telegram, o que sem dúvida acaba beneficiando e expondo a marca.

THEO: A Chlô, com a ajuda do Henrique Rieger, do Núcleo Jornalismo, está fazendo uma análise dos números de engajamento dessa turma. O mapeamento completo vai sair no próprio site do Núcleo, também como parte do projeto apoiado pelo Pulitzer, mas ela adiantou alguns números pra gente. Fala aí, Chlô.

CHLOÉ: Nos dois canais associados ao MPV, foram 5 mil mensagens enviadas em 2 anos. E vale dizer que no canal do Telegram, só o criador envia a mensagem. Elas foram encaminhadas 1,6 milhão de vezes, um número que pode estar subestimado por conta de uns bugs na raspagem de dados, e essas mensagens foram visualizadas 166 milhões de vezes.

THEO: Olha, eu já acompanhei diariamente audiência de site jornalístico relativamente grande, e esses números aí são impressionantes. Esse volume de conteúdo gruda mensagens nas cabeças das pessoas.

THAIS: E imagina o tanto de dinheiro que não dá pra tirar dessa audiência. Dessas centenas de milhões de visualizações, quantas dessas não são de profissionais de saúde dispostos a pagar um curso com conteúdo anticientífico? Ou de famílias com medo, atrás de um tratamento caro para se desintoxicar da vacina?

THAIS: A politização da pauta das vacinas fez com que o assunto bombasse em 2021 e 2022. Hoje, o interesse dos políticos no discurso diminuiu um pouco, como o próprio Jordão falou pro Felipe e pro Pedro. Mas em 2023 esses grupos seguem super ativos e sendo substituídos por outros. E tem três pontos aí que deveriam deixar a sociedade mais preocupada. Primeiro: os picaretas agora têm uma rede muito maior para oferecer alternativas pseudocientíficas às vacinas.

THEO: Segundo: os políticos podem até ter vergonha de dizer que são antivacina, mas muitos entendem o potencial de uma audiência tão grande e engajada para os seus projetos de poder.

THAÍS: Terceiro: discursos e ações bem radicais estão brotando desse ecossistema.

THAÍS: Além das notícias falsas e das teorias da conspiração, no Telegram tem crimes mesmo, como a venda de falsos passaportes vacinais. Olha o naipe dessa mensagem, só mais uma de várias que circulam nesses grupos:

LOC OFF

“Fique livre desse veneno. Adquira agora mesmo seu passaporte vacinal”

THAÍS: A gente vai deixar o print dessa mensagem nas nossas redes e no site. Basicamente ela promete inserir o comprovante de vacinação direto no sistema do SUS, inclusive das doses bivalentes, sem que a pessoa precise tomar as doses. E tem um negócio interessante: agora essas mensagens começaram a incluir a venda de comprovantes de vacinas do calendário infantil. Febre amarela, HPV, hepatites e “todas as outras”.

THAÍS: É chocante, sim, e mostra que a desconfiança em relação às doses da covid pode estar se espalhando para outras vacinas. Por enquanto, a hesitação vacinal não é a principal causa das quedas nas coberturas, mas mesmo ela está em ascensão, sugerem estudos.

THEO: É muito fácil achar, no perfil desses desinformadores e nos grupos do Telegram, mensagens atacando as outras vacinas. O próprio Eduardo Leite, aquele que é um dos médicos mais engajados do MPV, fez um post em março de 2023 sugerindo que as taxas de autismo estão aumentando por causa das vacinas.

THEO: Fora isso, no Telegram ainda rola solta a venda de armas, discursos racistas e até apologia ao nazismo. Em março de 2022, o Intercept fez uma matéria com o título “Grupos antivacina no Telegram viram celeiro de neonazistas”, escrita pelo Victor Hugo Silva. Aliás, um salve para o Vitor, que faz um baita trabalho investigativo! Olha o que ele escreveu sobre um desses canais:

LOC OFF

Um deles, segundo Caldeira, tinha “indício claro” de neonazismo: foi um conteúdo produzido no canal Derrubando as Pedras da Geórgia, com 24 mil inscritos, que relatava que o vírus era “a coroa da besta” e que os não vacinados seriam “aniquilados e concentrados”.

THEO: No monitoramento que a Chloé tem feito junto com o Núcleo, o pico de audiência do canal Médicos pela Vida foi no 8 de janeiro, o dia dos atos terroristas cometidos em Brasília.

THEO: No dia 21 de março de 2023, um rumor de que Donald Trump seria preso nos Estados Unidos espalhado pelo próprio Trump levou para as ruas de Nova York apoiadores do ex-presidente. Nas fotos, tinha um broche dizendo “Vacina isso!!” e um dedo do meio apontado

THEO: São dois exemplos de como falar de adesão à vacina é, invariavelmente, falar de política. A Chlô conversou com o Peter Hotez, um médico americano que é referência em movimento antivacina. Ele, aliás, ajuda a fabricar vacinas sem dinheiro da Big Pharma. Fala aí, Chlô:

CHLOÉ: Então, o Peter começou a se preocupar com o assunto quando sua filha foi diagnosticada com autismo, nos anos 1990. Era uma época que estavam espalhando uma mentira de que a vacina do sarampo causava autismo, e essa mentira foi criada por um ex-médico inglês que só queria ganhar dinheiro com a sua própria vacina e com processos judiciais de familiares contra os fabricantes. Isso está no nosso episódio “A Ameaça Antivacina”, da primeira temporada. Enfim, aí o Peter escreveu um livro chamado “As vacinas não provocaram o autismo da minha filha”, e acompanhou os antivax desde então. Olha o que ele me falou:

SONORA PETER HOTEZ

Há cerca de dez anos, eles começaram a se transformar num movimento político ligado à extrema direita. E isso começou aqui no Texas, com o Movimento “Tea Party” do Partido Republicano, ao redor de conceitos como “Liberdade na saúde” ou “Liberdade médica”.

CHLOÉ: A partir do momento que essa pauta começou a ser usada pela extrema direita, a hesitação vacinal cresceu muito nos Estados Unidos. O Peter me mostrou uns gráficos que deixam evidente a diferença nas coberturas a partir de 2013, em especial no estado dele, o Texas, que é super conservador.

SONORA PETER HOTEZ

Eu descobri que metade das 92 mil mortes por Covid no Texas aconteceram depois que as vacinas já estavam disponíveis, mas, como as pessoas se recusaram a tomar, elas morreram. E nos Estados Unidos esse número está em 200 mil.

CHLOÉ: O Peter se preocupa tanto com o assunto que ele está escrevendo um outro livro sobre esse movimento anticiência. Ele considera isso mais perigoso do que problemas mais midiáticos, como os tiroteios em escolas nos Estados Unidos.

SONORA PETER HOTEZ

Então o objetivo desse livro é falar dos ataques antivacinas, ou ataques anticiência, vindos da extrema direita, que se tornaram uma grande força assassina na nossa sociedade. Duzentos mil americanos morreram por conta de ativismo antivacinas promovido por membros de extrema-direita do Congresso.

THAIS: Com a ascensão de Trump e Bolsonaro ao poder, a onipresença das redes sociais, a polarização e a pandemia, essas ideias se espalharam como fogo no palheiro. E o MPV foi um dos que mais riscou fósforos negacionistas em solo brasileiro. Agora você vai ouvir o Athus falando do MPV.

SONORA ATHUS CAVALINI

Já era bem perceptível que eles eram essa cola entre os dois movimentos. Eles contribuíram muito no momento de trazer informações internacionais para o Brasil e, especialmente no caso deles, eles tiveram peso muito grande com relação a audiência,

porque eles se colocam como médicos de fato, né? É um grupo de médicos. É algo do tipo: “se os médicos estão falando isso, quem sou eu para ir contra?”

THAÍS: Mais do que um bastião da defesa dos medicamentos ineficazes e do ataque às vacinas, o nome do grupo foi um braço político da extrema direita nas redes sociais. Tanto que, como a gente mencionou, o canal que usa o nome Médicos Pela Vida chegou a mudar de nome para coisas como SOS Forças Armadas e Geopolítica e Atualidades.

THEO: A extrema direita se apropriou da discussão sobre vacinação da população, porque ela envolve o debate das liberdades individuais, um tópico que esse pessoal valoriza muito, muito mais do que os deveres da vida em sociedade. Tem também o lance de ser um gasto público para toda a população, incluindo os mais pobres, e esse pessoal acredita que o Estado deveria ser o mais enxuto possível. Por fim, tem a questão de usar o caos a seu favor.

SONORA ISAURA FERRARI

Porque o grande objetivo deles é o quê: Causar rupturas. E quem causa rupturas não pode ter necessariamente algo para colocar no lugar. E essa é uma das grandes características do fascismo, se vocês forem pensar.

THAÍS: Essa aí foi a Isaura de novo. E tem todo um jogo de trocas de grupos, ou mudança de nome de grupo, para fugir de punições e aproximar o negacionismo de ideias políticas extremistas.

SONORA ATHUS CAVALINI

O Médico Pela Vida estava num cluster antivacina e ele de repente, ele dá um salto para o cluster político da rede, ele pula para o outro lado, e o grupo de discussão associado continua no cluster antivacina. E aí aí depois de um tempo é claro que esse grupo de discussão, a tendência é que ele se aproxime mais, né? Ou seja, eles vão puxar a base de dados deles, as pessoas que participavam, para outra discussão.

THAÍS: E aí é uma via de mão dupla: o cara mais ligado à ideologias a la Bolsonaro se aproxima do discurso antivacina, e o antivaxer vai paquerando cada vez mais com políticas extremistas. Isso não no grupo do MPV em si, mas nesse ecossistema complexo de interações.

THEO: Na prática, funciona assim: um desavisado entra em contato no grupo do MPV ou em outros com a teoria da Nova Ordem Mundial, que é uma conspiração das mais famosas e sedutoras, que diz que um pequeno grupo de pessoas comanda o mundo e vai implantar um regime totalitário. Mas antes disso esses super vilões vão matar

milhões de pessoas com vacinas. A gente tem prints de mensagens como essas em grupos de médicos.

THEO: Daí o desavisado vai ver de onde veio essa mensagem e acaba caindo num grupo grande mais voltado para teorias da conspiração, e daí esse grupão encaminha mensagens de outro grupo, ainda mais escondido, e talvez mais extremista.

THEO: E a mensagem vai piorando a cada degrau que você desce: a vacina faz mal, a vacina foi feita por alguém que quer fazer mal, esse alguém que quer fazer mal é judeu... E então talvez Hitler não estava tão errado assim.

SONORA ATHUS CAVALINI

Então as teorias da conspiração Elas têm dominado a discussão e a infelizmente elas levam o público que tava só, a palavra só é meio pesada para isso, mas só no movimento antivacina e acabam puxando esse público para outras teorias, que são muito mais graves, como essa teoria da Nova Ordem Mundial, que é uma teoria que traz essa ideia de que seis ou oito famílias de judeus mandam no mundo. E aí eles trazem todo esse discurso antissemita, essa associação com o nazismo, com o neonazismo.

THAÍS: O Felipe da nossa equipe também encontrou imagens de suásticas nesses circuitos mais fechados. E o Athus destacou as conexões de um canal em específico, que usa os efeitos colaterais das vacinas no nome, mas posta estudos nazistas que nada tem a ver com saúde. Esse canal foi citado em pelo menos outros 24 grupos em 2022. Ou seja, os participantes estão a “um clique” dele. E a dois ou três de vários outros. No último relatório do Labic, lá onde o Athus trabalha, feito em março desse ano, está escrito:

LOC OFF

“É necessário acompanhar o potencial surgimento de microcomunidades com tendência ao aumento do extremismo.”

THAIS: Desde que a gente começou a investigar o movimento antivacina no Brasil, tinha uma suspeita aqui no grupo da ligação com grupos neonazistas. Como esse é um tema delicado, a gente resolveu não publicar nada até que tivéssemos evidências suficientes. Mas nesse episódio não deu. Além do que a gente já mencionou, quase todas as fontes que ouvimos falaram de fascismo. Olha a Adriana Ilha como exemplo:

SONORA ADRIANA ILHA

Então você tá vendo essa perspectiva nazista muito forte, né? Fascista muito forte nesses movimentos sociais e movimentos também antivacina que fazem parte disso.

THAIS: E o Athus também.

SONORA ATHUS CAVALINI

Então assim, a gente tá realmente o movimento antivacina tá realmente muito próximo do neonazismo, do nazismo e de movimentos extremistas no geral.

THEO: Os próprios estudos das redes e os lugares onde os desinformadores estão se escondendo reforçam esse argumento. E agora a gente volta rapidinho para aquelas plataformas de vídeo mais suspeitas. O Gettr é um conhecido reduto dos trumpistas nos Estados Unidos, e mais leniente com a desinformação, embora ainda haja alguma regulação por ali. E vale reforçar que o Gettr ajudou o Médicos Pela Vida a divulgar os conteúdos do congresso, e prometeu traduzir os conteúdos para inglês e espanhol.

THEO: Já o tal do BitChute, onde estava a íntegra do congresso do MPV, é chamado pela Liga Anti-Difamação, uma instituição que luta contra os discursos de ódio há cem anos, de um “berçário do ódio”. Eles têm uma reportagem extensa sobre a presença ampla de discursos nazistas e supremacistas por lá. E escrevem:

LOC OFF

Dos 25 canais antissemitas e supremacistas brancos no Youtube identificados pela Liga Anti-Difamação, 14 tinham contas no BitChute. Enquanto 11 dos canais originais no Youtube foram banidos ou suspensos, suas contas correspondentes no BitChute foram vistas mais de 10 milhões de vezes.

THAIS: Resolver o problema da desinformação, não só sobre vacinas mas em geral, é um assunto que renderia muitos episódios. E a gente vai acabar falando disso mais vezes ao longo da temporada. Tem que regular melhor as plataformas, tem que estudar os contextos socioeconômicos, tem que investigar os possíveis crimes cometidos pelos desinformadores, tem que educar a classe médica... Mas tem um aprendizado que é especial para a comunidade científica.

SONORA JOÃO GUILHERME

É muito fácil a gente ficar apontando para esses atores sem pensar porque, até hoje, para uma parte tão grande da população, a ciência é algo tão opaco, é quase um dogma. A ciência vem, você obedece sem a menor ideia de como aquilo foi feito. E aí uma pessoa pode falar: “Olha, eu sou aqui o porta-voz da ciência, faça isso”. E elas vão e de algum modo acreditam

THAÍS: A hesitação vacinal é considerada pela OMS uma das maiores ameaças à saúde pública mundial. E a resposta pra ela envolve a comunidade científica se engajar politicamente. A ciência, sozinha, não vai dar conta. Na entrevista que deu pra Chlô, o Peter Hotez falou qual é uma das coisas mais difíceis para ele fazer como médico.

SONORA PETER HOTEZ

Então, essa é uma das coisas com as quais eu estou me debatendo como cientista. Nós dizemos que você não deve ser político, certo? Mas Józef Rotblat, ganhador do Nobel da Paz, era um físico, cientista, mas se posicionou contra o uso de armas nucleares. Ele diz que “o conceito de que a ciência deve ser neutra ainda permanece, mas isso é um resquício da mentalidade da torre de marfim, mesmo que a torre de marfim tenha sido demolida com a Bomba de Hiroshima”.

THAÍS: Esse exemplo das armas nucleares foi abordado no nosso episódio “A Ciência da Guerra”, da segunda temporada. Na Segunda Guerra Mundial, os cientistas começaram a perceber que seria necessário se posicionar politicamente contra o conflito, para salvar vidas. Em vários dos episódios do Ciência Suja, esse alerta volta a soar. Para ficar na analogia bélica, nós estamos vivendo uma batalha para manter de pé a política de vacinação, uma das estratégias que mais salvou vidas na história da humanidade. E vamos precisar de mais gente na linha de frente.

=====RECADO=====

THEO: Depois que a gente gravou o episódio, aconteceram duas coisas dignas de nota. E a gente vai mencionar elas aqui, até porque elas ajudam a confirmar algumas hipóteses levantadas aqui. A primeira é que a Chlô viu que alguns jornalistas de saúde norte-americana começaram a receber mais ataques no Twitter a partir da última semana de março. Depois que o Elon Musk assumiu, a rede virou um antro de desinformação e vários perfis que estavam bloqueados voltaram à ativa.

THEO: Aí passaram uns dias e os ataques chegaram até a própria Chloé. E os ataques iniciais contra ela foram feitos pelo perfil “Aslan TT”, que também é o nome de um canal no Telegram. Esse perfil, além de antivaxer, esbarra no discurso neonazista que a gente já comentou aqui. Isso reforça a conexão da extrema direita com o negacionismo científico.

THAIS: A segunda coisa é que o Médicos Pela Vida descobriu que a gente ia fazer um episódio que tocava neles mais ou menos um mês antes da publicação. E aí começaram ataques dos membros e dos fãs do MPV às nossas redes. Eles também soltaram uma nota meio Minority Report, aquele filme com o Tom Cruise sobre a polícia que prende pessoas antes que elas cometam os crimes. A nota rebate os pontos que eles achavam que a gente abordaria antes mesmo de saber quais eram.

THAIS: Em resumo, eles começam com uma mentira: a de que uma fonte de dentro do Ciência Suja teria revelado que faríamos um episódio. A gente tem quase 100% de certeza que ninguém da nossa extensa equipe de cinco pessoas vazou essa

informação. É mais provável que eles saibam porque fomos até a sede e falamos com o idealizador do movimento mesmo.

THEO: Depois a nota diz que escondemos propositadamente estudos que mostrariam danos das vacinas. Mas parte dos artigos que eles citam vem naquele formato de pré-print, que ainda não foi revisado por outros pesquisadores e nem publicado em periódicos. Outros eram artigos de opinião ou estudos publicados em revistas científicas de baixo impacto, ou seja, que tendem a avaliar os trabalhos de um jeito menos criterioso. Ali passa qualquer negócio.

THEO: Mais importante do que isso: o método científico preza pelo conjunto de evidências sólidas. É um montão de pesquisas sérias que formam o tal consenso científico, não um ou dois artigos meio mequetrefes disponíveis em algum canto.

THEO: E as evidências disponíveis até agora apontam para um consenso de que as vacinas contra a Covid são eficazes e seguras. Elas têm mesmo um risco de reações adversas, mas esse risco é baixo e muito, muito menor do que o benefício que trazem. Hoje, a discussão é quem priorizar para as doses de reforço, e mesmo se certos grupos poderiam tomar menos reforços, pensando em custo econômico. Também estão falando de qual tipo de vacina tomar. Mas ninguém sério está falando que é melhor deixar as pessoas não vacinadas, ou que reforços fazem mal. Isso é mentira.

THAÍS: Esse editorial do MPV e os ataques às nossas redes são mais uma prova de como a desinformação que eles propagam é organizada, e não mensagens espontâneas de gente bem intencionada.

=====CRÉDITOS=====

THAÍS: O Ciência Suja é apresentado por mim, Thaís Manarini.

THEO: E por mim, Theo Ruprecht. Este episódio teve apuração da Chloé Pinheiro, do Felipe Barbosa, do Pedro Belo e do Pedro Nakamura.

THAÍS: O roteiro foi escrito pela Chloé e pelo Felipe, com revisão e observações minhas, do Theo, e dos Pedros, o Belo e o Nakamura.

THEO: A edição de som e as trilhas deste episódio são do Felipe Barbosa.

THAÍS: As vozes complementares e o conteúdo extra são do Pedro Belo.

THEO: As artes de capa do episódio são obra da dupla Mayla Tanferri e Guilherme Henrique, que estão conosco em mais uma temporada. Sempre uma honra! Para este episódio nós usamos áudios de palestras e apresentações do Segundo Encontro

Mundial World Council for Health Médicos pela Vida, que foram publicados na internet em diferentes meios, da TV Canção Nova, do Instagram do Vitor Sorrentino e do Jornal Metrôpoles.

THAIS: Esta terceira temporada tem mais uma vez o apoio do Instituto Serrapilheira.

THEO: O Ciência Suja é uma produção da NAV Reportagens. Para mais informações sobre o podcast, para virar um apoiador e para ter acesso aos materiais complementares deste episódio, acesse o nosso site, www.cienciasuja.com.br. Ou as nossas redes sociais. Nós estamos no Twitter, Instagram, Facebook e agora no TikTok.

THAIS: A gente se vê daqui duas semanas, com um episódio inédito. Até lá!